

50/03/26  
Diário de Notícias  
p. 1

# OS TRÊS REINOS

Sérgio Buarque de Holanda

(Especial para o Diário de Notícias)

quase inumana, de moro que as mais vivas emoções e sensações só parecem ganhar voz articulada depois de passarem por uma espécie de câmara lenta:

...a forma atingida  
como a ponta do novêlo  
que a atuação, lenta  
desenrola,  
aranha...

É significativo que a ênfase dada ao momento intelectual, o amor à simetria, às formas puras, espanadas de todo o ocidental, preside não apenas à arte da composição como à escolha dos mais insistentes motivos. Nas poesias do sr. João Cabral de Melo Neto temos o «mundo justo» que o engenheiro sonha, «mundo que nenhum vêu encobre», onde a desordem natural foi definitivamente abolida por instrumentos eficazes de imobilização e irrealização: o lapis, o esquadro, o papel; o desenho, o projeto, o número. Nas do sr. José Paulo Moreira da Fonseca («Poesias», Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1949), não vai a tamanhos excessos esse mesmo gosto da depuração, que levado às suas últimas consequências poderia redundar numa espécie de abstracionismo poético: a vida natural e multiforme conserva seu prestígio, contanto que seja formalizada, é certo, e submetida à dimensões humanas, como as águas que se guardam na fragilidade do cântaro.

forma sonora —

uma fonte que os homens moldaram na Argila,  
é, em outro lugar, «longínquo pressentir de margens imóveis». Assim é que no orquídiário ele vai buscar as novas formas que revestiu a vida sujeita ao homem:

hoje, nada mais  
é selvagem, com os nomes latinos,  
com os vasos de barro,  
nada mais nos espanta  
na quietude daquela ordem,  
na reconfortante quietude  
daquelas plantas,

E a visão de uma escultura permite-lhe celebrar a

promessa de ritmo, que enfim se emancipou da «obscura pedra».

Os espetáculos verdadeiramente poéticos na natureza não são para o sr. José Paulo Moreira da Fonseca aqueles onde as coisas já se apresentam definitivamente petrificadas e como esclerosadas, por isso perfeitas, no sentido gramatical da palavra «perfeito», mas onde parecem, ao menos por breves instantes, situadas à margem do tempo, vencida a condição impura que se exprime no movimento, no rumor, na vida, na mortalidade:

O que fôra contôrno, formas,  
se uniu na distância azul,  
o que fôra gesto ou briza  
quedou-se imóvel, brandamente imóvel,  
quase livre da morte.

Para captar plenamente a beleza dessas tenuidades e evanescências — som de vento remoto, «ainda silêncio», palpação da onda, já adormecendo, no «laço entre a vida e a morte» — requer-se uma rara e aguda sensibilidade. Não sei, entre nossos poetas novos, quem a tenha mais refinada do que este, que estreando há apenas dois anos com «Elegia Diurna», revelou desde então a maturidade de quem pudesse ter condensado, já nos primeiros passos, uma experiência capaz de manifestar-se em peças de sobriedade verdadeiramente clássica, como a desta «Fonte»:

Límpida, fugiria  
na mão de quem te quisesse tocar.  
O' fonte, ó fonte invisível  
adormecendo com as pedras  
adormecendo naquêlo rumor, tão leve  
em que tentas dizer o teu silêncio.

A paisagem poética do sr. José Paulo Moreira da Fonseca, bem diversa da que ostenta o sr. João Cabral de Melo Neto, denuncia não obstante a lucidez e o desnudamento que caracterizam a do poeta pernambucano. Forçando a comparação pode-se quando muito dizer que as colunas, deixadas de propósito bem visíveis nos versos do autor de «Pedra do Sono», foram aqui discretamente retiradas, conforme o conselho de León-Paul Fargue.

Existe na obra dos dois poetas uma exata correspondência, se isto é possível, entre a temática e a técnica. Na do primeiro é o reino mineral que predomina quase incontestemente; na do sr. Moreira da Fonseca, e o espírito de geometria dilui-se em inescrutáveis finuras, e as formas imóveis esgalham-se aos poucos para a tranquila floração. Lá os compassos dos versos curtos têm qualquer coisa de inorgânico. Aqui desaparece o timbre metálico para ceder lugar a um ritmo sinuoso, de vida crepitante, e no entanto contida.

No terceiro membro desta curiosa família de poetas de nomes prolixos e versos tantas vezes breves, no sr. Péricles Eugênio da Silva Ramos, a paisagem já se anima de um transbordamento sensual, e as águas fecundantes, que na «erra Ermada» de um dos seus autores diletos, T. S. Eliot, só no momento derradeiro trazem esperança de vitalidade ao solo ressequido, constituem o ponto de partida para a inspiração de uma peça característica de seu único livro publicado — «Lamentação Floral» —, que há dois anos recebeu o prêmio Fábio Prado de poesia:

Por fim choveu,  
e nas águas dissolveu-se a amargura das  
coisas

A própria data dessa publicação impede-nos de abordar detidamente, por ora, a obra do poeta paulista. Mas parece inevitável invocá-la, ao menos de passagem, sempre que se trate de autores vivamente empenhados em introduzir na poesia brasileira uma elaboração mais atenta e zelosa. Empenho que não é menos frequente nos escritos do sr. Péricles Eugênio da Silva Ramos do que o é nos do sr. João Cabral de Melo Neto ou do sr. José Paulo Moreira da Fonseca.

Onde ele me parece distinguir-se dos outros é nisto, que sua preocupação formal não viria, com uma necessidade quase inelutável, das próprias entranhas do mundo poético que criou; representaria antes elemento adventício, nascido de uma constante curiosidade intelectual pelos problemas da técnica da versificação e do contato assíduo com os renovadores da atual poesia, sobretudo da poesia anglo-saxônica. Mesmo onde se serve de redondilho setessílabo, sua inspiração é de longe fôlego e aparência brilhante. Não se pode dizer dele, como de alguns outros modernos, que eliminou conscientemente o elemento decorativo em seus versos. Move, por tudo isso, quem pretendesse filiá-lo aos parnassianos. Não creio que a filiação ou sequer a aproximação sejam perfeitamente justas. Mas o assunto remete-nos a uma consideração mais pormenorizada do problema do formalismo na poesia, que cabe em outro artigo.

PARA REMESSA DE LIVROS: rua Haddock Lobo, 1.625 — (São Paulo)